

Manuela Vasconcelos

A PÁSCOA

Abril, 16/2017.

A PÁSCOA

Senhor Jesus:
Olho a cruz
Que nos lembra o calvário...
A cruz do Teu sofrimento,
Da Tua doação,
Do Teu perdão,
- da nossa ignomínia!

(É uma miniatura

Que trago sempre ao peito...)

Não me torno melhor por a olhar:

Nem sinto o seu peso!

Mas Tu sentiste!

Ferido,

Carregaste-a e caíste!

... gostava de ter sido o Cireneu

Que Te ajudou, que Te ergueu...

- Talvez... talvez nunca chegue

A compreender bem

A magnitude do Teu gesto... o Teu Amor

Por todos nós

- Por toda a Humanidade!

... Mas olhando essa cruz pequenina,

De um “Jesus Nazareno” que desceu,

Viveu, e por nós morreu,

Eu peço-Te com fé, com amor,

Com esperança:

- Tal como ontem, não nos deixes!

Continuamos a ser crianças!

Dá-nos o Teu Amor de Irmão,

A Tua bênção...

Incentiva-nos ao perdão!

A comemoração da Páscoa começou a ser feita pelos judeus para comemorarem a libertação do jugo egípcio. Mas... quando foi que ele começou?

Quando os hebreus atravessaram uma necessidade de quase miséria, eles procuraram no Egito, que era o país que mais próximo ficava do seu, a possibilidade de uma vida melhor e, assim, seguiam, afinal, o exemplo de José e dos seus irmãos – o primeiro, vendido como escravo pelos irmãos, ciumentos do carinho com que o pai o tratava; um dia, conseguiram prendê-lo à traição e venderam-no para uns mercadores que passaram pelo local onde se encontravam depois de terem aprisionado o irmão. Os mercadores continuaram a sua viagem mas, no Egito, um deles foi preso e, com ele, José, que acabou por ser tirado da cadeia e levado para a cozinha, onde ajudava o cozinheiro nas refeições que chegavam à mesa do Faraó.

O Faraó sonhava muito mas alguns dos seus sonhos eram tão inexplicáveis que nem os Magos da Corte os conseguiam interpretar ... e quando aconteceu mais um, que eles não souberam dizer o que anunciava, o mercador ainda preso foi levado à sua presença para lhe explicar o sonho: se acertasse, seria solto; caso contrário, morreria.

Entretanto, antes que isto acontecesse, o padeiro, que convivia na cozinha com José e de quem todos se tinham tornado amigos devido à maneira de ser do hebreu, disse ao guarda que o ajudante do cozinheiro, sabia interpretar os sonhos... e José foi levado até à presença do Faraó, explicando-lhe que as sete vacas magras que ele via se referiam a 7 anos de fome que os sonhos anunciavam; e que as 7 vacas gordas significavam o contrário, caso soubessem enfrentar a fome.

- Como é que isso poderá ser evitado? – perguntou o Faraó.

- Aproveitando o tempo que ainda temos, antes de começarem as faltas, para se fazer um armazenamento de trigo, sementes, óleo, tudo o que pudesse ser guardado sem se estragar e que, mais tarde, seria transformado em alimento...

Assim se fez e, quando as terras deixaram de produzir devido ao cansaço das mesmas e às grandes chuvas e inundações que aconteceram, tanto no palácio como fora dele a vida decorreu normalmente, porque a interpretação que José fizera do sonho tivera o seu resultado positivo e nunca houve falta de alimento para ninguém.

Num gesto de gratidão, o Faraó mandou que José deixasse de trabalhar na cozinha e nomeou-o ministro da corte, passando o José a viver de tal maneira que, mais tarde, quando os irmãos foram em negócio ao Egito e por ele passaram, nenhum o reconheceu. Foi José que os chamou e se identificou - não só naquele momento, perdoando-lhes a traição que com ele cometeram como convidando-os a irem buscar o pai e voltarem todos para viverem ali, em muito melhores condições do que o faziam em sua terra.

E assim aconteceu... e, pouco a pouco, mediante a maneira como os hebreus iam sabendo de como eles estavam a melhorar a sua vida no Egito, uns e outros iam para aquele país, levando com eles a família, e ali se instalando na busca de uma vida melhor... mas foram tantos o que o fizeram que começou a haver excesso de trabalhadores; então, porque a mão estrangeira é sempre mais barata, pouco a pouco o trabalhador egípcio foi sendo substituído pelo hebreu nos trabalhos mais pesados e mais violentos, acabando este por se tornar escravo no país estrangeiro para onde fora vivera na busca de uma vida melhor.

Depois, aconteceu a descoberta de Moisés, que a própria mãe colocara num cesto, nas águas do rio que passavam rentes ao palácio onde vivia a irmã do faraó... que o descobriu, com ele ficou, dando-lhe o nome de 'Moisés', que significa 'salvo das águas'... e o menino foi criado com as mesmas regalias do filho do Faraó, com ele crescendo, brincando, estudando... e mandando, quando entendia que o devia também fazer.

Mas, um dia, Moisés, no desagrado de uma atitude que um guarda lhe provocou, ao castigá-lo provocou a sua morte... e para não ser julgado, apesar de protegido da casa real, fugiu... Atravessou o deserto, conheceu uma família que o abrigou, vindo a casar com uma das filhas... mas ele não se sentia bem ali, apesar de estar feliz. A recordação do palácio era um apelo constante e, um dia, olhando para uma sarça, viu-a incendiar-se sozinha, com um fogo que não ardia, ao mesmo tempo que ouvia a voz de alguém que não via, mas lhe falava como sendo Deus, mandando-o regressar ao Egito, porque ele tinha de salvar o povo egípcio, levando-o para a sua terra – Canaã.

Ao princípio, Moisés resistiu ao que a voz lhe dizia, mas com a insistência da mesma, acabou por acatar as suas directrizes e voltou... O velho faraó tinha já desencarnado e o filho, o que fora companheiro de Moisés, não tratou o ex-fugitivo com o carinho anterior... Houve vários confrontos entre um e outro, da parte de Moisés sempre sob a orientação da mesma voz, até que, tendo-lhe sido anunciada (no fim de várias

calamidades acontecidas com a finalidade da libertação do povo egípcio), que morreriam todos os primogénitos se o povo hebreu ali imigrado não pudesse todo ir-se embora, tendo acontecido a morte do filho do faraó, este, no desespero em que ficou, autorizou a saída de todos, dando a Moisés um tempo limite para sair com os seus conterrâneos... Mas bem depressa se arrependeu da liberdade concedida, chamou a guarda e comandou-os a todos, na perseguição que começou, para os fazer regressar ou matar... Mais uma vez, Moisés é orientado e encaminhado para a praia e, quando as águas baixam devido à baixa-mar, são todos incitados a entrarem naquele areal que se descobria, para que a fuga se concretizasse.

Aqui temos que referir os dados científicos descobertos e analisados actualmente: segundo os entendidos, e quem sabe o que é um baixa-mar, concordará que seria impossível que as águas baixas, ao voltarem depois, pudessem afogar e matar todos aqueles homens, com cavalos, bigas e armas de guerra. A última conclusão a que chegaram os cientistas é que terá sido um tsunami e, aqui, nós concordamos: o recuo das águas, a prepararem a onda maior, quase a única, que leva tudo à sua frente, terá posto a descoberto o fundo do mar, para onde os fugitivos se precipitaram, e, quando a onda voltou, eles já estariam a salvo mas os perseguidores terão sido apanhados naquela voragem. Como aprendemos que milagres não existem, esta terá sido, realmente, a situação acontecida.

Então, do outro lado do mar, ficava o deserto, para onde Moisés se encaminhou com todos os seus seguidores, deserto que levaram 40 anos a atravessar até à chegada à “terra prometida”, para que fossem desencarnando os mais velhos, de ideias preconcebidas e vícios desertos.

Ainda há uma espécie de rebelião do povo, no sopé do monte Sinai, onde Moisés os deixa, entregues a si mesmo e a seu irmão, enquanto sobe ao cimo do monte para grafar as tábuas da lei, que Jesus, médium directo de Deus, lhe dita. Quando o profeta, ao fim de várias semanas, volta a aparecer, o povo tinha junto as jóias que conseguira guardar, pedrarias, restos de ouro, e tinha construído um bezerro de ouro que estavam a adorar no meio de grandes orgias.

No desespero que sentiu ao observar aquele comportamento, Moisés atira ao chão as tábuas com a lei que grafara, destrói o bezerro, e, dias depois, deixando ordens rigorosas ao irmão e a mais dois cooperantes, volta a subir ao monte para, mais uma vez, grafar a Lei do Senhor.

No regresso, todos retomam a jornada... De cada vez que acampavam, viviam como se já estivessem nas suas aldeias... Com a lei

civil, que o profeta criou para fazer cumprir a lei de Deus, grafada nas pedras, havia o medo do Senhor... do que Ele fazia, como punia... Moisés aproveita os escribas que há entre todos para começar a registrar a história do povo, para que não se perca no olvido a justificação de todas as tradições de que ainda se recordam, e tudo o mais que foi acontecendo... e, ao passar o primeiro ano da saída do Egipto todos concordaram em matarem um cordeiro – ou os que fossem necessários – e comemorarem a nova vida que estavam a ter. A comemoração era a da libertação de todo o povo... e anualmente, a partir daquela data, a Páscoa passou a ser sempre celebrada como a festa maior de todos.

Quarenta anos passaram... Canaã, está ali já, bem pertinho, para por ela se distribuïrem as doze tribos dos hebreus... as tribos de Israel... mas Moisés fora advertido pelo Senhor, muito antes dali chegarem, que ele não entraria em Canaã pela sua desobediência do Senhor,... e assim acontece, porque quando começa a aproximar-se a terra prometida, Moisés morre... Dizem que, tal como profeta Elias, o viram subir ao céu num carro de fogo, mas o enterro do corpo fez-se na terra!

O tempo corre... e surge Jesus, Jesus que, quando começa a Sua missão, esclarece:

- Não vim para cumprir a lei, mas para dar-lhe cumprimento... através do amor!

Desde que nascera, e com os seus pais, Ele cumprira também a tradição e todos os anos festejavam a Páscoa... E quando Ele entra em Jerusalém, pela última vez, é domingo de ramos: tudo cheira a festa, preparam-se já os melhores cordeiros para a comemoração.

Mas Caifás está atento... consegue, com a sua influência, influenciar todo o povo, e Jesus é preso, já depois da comemoração festiva, quando orava no Jardim de Jetsemani.

A sua entrega aos guardas é feita pelo apóstolo Judas, que se vendera ao sacerdote judaico por 30 moedas... e é feita com um beijo: o beijo da traição.

Enquanto levam Jesus para a cadeia, Judas arrepende-se: ele pensava que agiriam com Jesus de maneira diferente, não assim, como a um criminoso: vai devolver as moedas aos que lhe tinham pago a traição, e mata-se... mata-se porque ele amava Jesus!

O julgamento é rápido a fazer-se e mesmo a correria de Pilatos para Herodes e deste novamente para Pilatos, é rápido, porque as comemorações da Páscoa que estão a começar não podem ser enodoadas com a morte de ninguém – criminoso ou não.

Pilatos lava as suas mãos da condenação daquele que ele considera inocente, mas manda que se mate!

E é feita uma cruz, com dois troncos grossos de uma árvore, que dão ao prisioneiro para carregar até ao monte da caveira: ali eram mortos os criminosos condenados, e a morte na cruz era o final de todos eles.

Misturado com dois ladrões, dois criminosos, Jesus é considerado como mais um... Do alto da cruz, vê o seu manto ser dividido entre os guardas, depois de jogado aos dados... ao longe, umas mulheres choram... a Sua Mãe está ali, é uma delas. João, o apóstolo querido, ampara-a... Fazendo das fraquezas forças, consegue acenar para ele, dizendo:

- Filho, eis aí a tua Mãe...

E depois, acenando para Mãe, conclui a doação:

- Mãe, eis aí o teu filho!

E Maria, a Mãe, torna-se, assim, Mãe de toda a humanidade!

Ao lado, um dos criminosos, arrependido talvez, implora-lhe que se lembre dele, quando estiver no paraíso, e Jesus responde ainda:

- Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso!

“Estarás”... no futuro, quando tiveres cumprido a tua parte de determinismo e fores, finalmente, como o meu Pai que está nos Céus te criou para seres... estarás comigo no Paraíso quando fores bom e puro e são... não agora, com a alma ainda enegrecida de todo o comportamento errado que te tem escravizado!

A morte acontece... a cabeça descai sobre o peito... as mulheres gritam e choram,, a Mãe, silenciosamente, aguarda pela descida do corpo, para o embalar como quando foi criança... o tempo ruge, em trovões, fúscas, vento... noite... O tempo ruge, a morte do Justo que pedira ao Pai

o perdão para todos os que o condenaram, porque não sabiam o que faziam...

O dia volta a clarear... Já é Páscoa! Tudo se conseguiu cumprir!

E a partir dali, a Páscoa continuou a ser comemorada, mas não já a da libertação do povo, mas a Páscoa da Ressurreição porque, quando Jesus apareceu aos apóstolos ao fim do terceiro dia, Ele estava a dar a lição final, comprovada com a Sua presença imaterial:

- A Vida continua para além da morte, porque a morte não existe, senão para o corpo, que segue os trâmites normais do desligamento do fio da Vida! A Vida continua, porque Deus criou-nos imortais!

Ano após ano, desde então, a comemoração da Páscoa, queira-se ou não, é a comemoração da VIDA QUE CONTINUA!